

CONDIÇÕES

Recebem-se assignaturas em qualquer tempo. Anuncios e diversas publicações, pelo preço mais modico.

NUMERO AVULSO, 60 Rs.

TYPOGRAPHIA E ESCRITORIO 24 A—RUA DE S. BENTO—24 A

PUBLICAÇÃO DIARIA

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

EDITOR—ANTONIO ELIAS DA SILVA

ASSIGNATURA MENSAL

Capital 15000 Interior 12500

NUMERO AVULSO, 60 Rs.

Pagamento adiantado

TYPOGRAPHIA E ESCRITORIO 24 A—RUA DE S. BENTO—24 A

S. Paulo

Sexta-feira, 27 de Junho de 1879

Brazil

MEMORANDUM

Advogado.—Conselheiro dr. M. A. Duarte de Azevedo, rua do Ouvidor, n. 17, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde. Advogados.—Drs. J. A. Leite Moraes e Antonio de Campos Toledo. Rua da Boa-Vista, n. 74. Advocacia em 2ª instancia.—Paulo de Souza Queiroz e João Kopke, rua da Boa-Vista, n. 52. Advogados.—Dr. Antonio Carlos e Luiz Gama, rua da Imperatriz, n. 19. A Bota de Ouro.—Calçados baratissimos—A DINHEIRO—Gouveia & Comp., rua da Imperatriz, 24. Ao Emporio Central.—Armazem de molhados, artigos de confeitaria e frutas; largo do chafariz do Rosario, n. 28. AU BON DIEU.—Tem um grande sortimento de roupas francezas e nacionaes. Rua Direita, n. 46. B. Hugo, professor de desenho.—Na casa Garraux dá-se informações. Bilhetes de todas as loterias da Corte.—Bernardino Monteiro de Abreu, largo do chafariz da Misericordia, n. 42 A. Remette-se para o interior. Cabelleireiro.—E. Husson, rua de S. Bento, n. 48. Grande sortimento das melhores perfumarias de Pinaud, Legend, Lubin, Rimels e Alkinson, por preço commodo. Deposito das melhores tinturas para cabellos. Tranças de cabelo legitimo, a 8\$, 10\$, 15\$ e 25\$ o par. Concorta e tingue qualquer obra de cabellos. Calçado para homem, na sapataria da rua da Princesa, n. 13, de boa qualidade e commodo preço. Cantos tropicaes, por Theophilo Dias, na livraria Garraux; preço, 2\$000. Carimbos de borracha para papel.—Agente Henrique Snell, rua Direita, n. 23. Casa-Branca.—Advogado, no civil, dr. Pedro Arbues da Silva. Chapéus baratos, rua de S. Bento, n. 66 A, Bairro & Granja. Cirurgião-dentista.—Dr. Mesquita, rua Direita, n. 27. Charutos da Bahia, encontra-se sempre os melhores, na livraria de Ricardo Matthes, rua da Imperatriz, n. 60; na mesma casa ha constantemente bons charutos de Hamburgo e da Havana. Deposito de madeiras.—Joaquim Eugenio de Lima, rua da Estação da Luz, (Serraria na estação do Rio-Grande.) Desenho e aquarella.—Um moço, habilitado a leccionar desenho e aquarella, deseja achar alguns discipulos, dá lições nocturnas a moços empregados no commercio; horas e preços conveniados. Para tratar—rua dos Bambús, n. 8. Fabrica de charutos.—José Paulo, rua da Imperatriz, n. 10. Gaz-globo.—Lustres, lampeões de mesa, arandelas, etc. Na agencia geral para esta provincia—rua da Imperatriz, n. 43—S. Paulo. J. E. de Verney—professor de esgrima. Ponte do Piques, n. 13. Curso de 24 lições—20\$000. Kerosene superior, assim como lustres, arandelas, lampeões, etc. Na agencia geral do gaz-globo—rua da Imperatriz, n. 43—S. Paulo.

Lyra dos verdes annos, por Theophilo Dias, na livraria Garraux; preço, 2\$000. Loja da China, casa especial de chá, cêra, rapé e sementes. Rua do Commercio, n. 24. Matheus, guarda-chuveiro—Rua de S. Bento, n. 22—faz concertos, e tem grande sortimento de chapéus de sol. Medico.—Dr. Eulalio; residência, rua da Princesa, n. 19. Consultas, á rua Direita, n. 19 A, de 1 ás 3 horas. Medico, operador e parteiro.—O dr. Joaquim Pedro, rua de S. Bento, n. 83. Dr. Climaco Barbosa, operador e parteiro, reside á rua de S. José, 22. Padaria Romana, de Luiz Invernizzi. Pães, biscoitos de trigo e doces diversos, tudo de farinha superior, rua de S. Bento, n. 43. Padaria das Famílias, rua do Commercio, n. 15. Pharmacia do Castor.—Francisco Baruel, rua do Commercio, n. 31. Pílulas Paulistinas.—Vende-se nesta typographia. Corpo feita, por preços baratissimos, completo sortimento. Largo do chafariz da Misericordia, n. 42 A, casa de Bernardino de Abreu & Comp.

LITTERATURA

Hymno á preguiça

Meiga preguiça, velha amiga minha, Recebe-me em teus braços, E para o quente, conchegado leito, Vem dirigir meus passos. Ou si te aprez, na rede somnolenta, A' sombra do arvoredor, Vamos dormir ao som d'agua que jorra Do proximo rochedo. Mas vamos perto, á orla solitaria De algum bosque vizinho, Onde haja relva molle, e onde se chegue Sempre por bom caminho. Ah! onde cahiu uma por uma As folhas pelo chão, Pensaremos connosco; —são as horas, Que aos poucos lá se vão Feita esta reflexão grave e sublime De sã philosophia, Em deixada scisma deixaremos Vagar a phantasia. Tê que ao calor de languido mormaço Do brando sol do outomno, Em santa paz possamos docemente Conciliar o somno.

Para dormir á sesta ás garras fujo Do improbo trabalho, E venho em teu regaço deleitoso Buscar doce agasalho. Calumniam-te muito, amiga minha, Donzella inoffensiva! Dos peccados mortaes te collocando Na horrenda comitiva. O que tens de commum com a soberba, E nem com a gobiça, Tu que ás honras e ao ouro dás as costas, Lhana e santa preguiça? Com a pallida inveja macilenta Em que é que te assomellas, Tu que sempre tranquilla tens as faces Tão medias e vermelhas? Jámais a feroz ira sanguinaria Terás por tua igual; E é por isso que aos festins da gula Não tens odio mortal. Com a luxuria sempre dás uns visos, Porém muito de longe, Porque tambem não é do teu programma Fazer vida de monge. Quando volves os mal abertos olhos Em frouxa somnolencia, Que feitiço não tens! que effluvios vertes De morbida indolencia! E's discreta e calada como a noite, E's charitahosa e meiga Como a luz do poente, que á tardinha Se esvae pela veiga. Quando appareces, corôada a fronte De roxas dormideiras, Longe espansas cuidados importunos, E agitações fagueiras. Enmudece do rispido trabalho A atreadora lida, Repousa o corpo, o espirito se acalma, E corre em paz a vida. Até dos claustros pelas cellas reinas Em ar de santidade, E no gordo toulho te enthronizas De rechonchado abbade. Quem, sinão tu, os sonhos alimenta Da candida donzella, Quando sôsinha vago amor delira Seismando na janella.

Não é tambem ao descahir da tarde Que o vale nos teus braços Deixa á vontade a phantasia ardente, Vagar pelos espaços?... Maldigam-te outros; eu na minha lyra Ail hyonos cantarei Em honra tua, e ao pé de teus altares Sempre cochilarei. Nascestes outr'ora em plagas americanas A' luz de ardente pesta, Junto de um manso arroio, que corria A' sombra da floresta. Uma india gentil, meiga no rosto, Nos gestos indolente, Sem dôr te deu á luz entre as delicias De um dolce far niente. E nessa hora as auras nem boliam Nas ramas do arvoredor, E o arroio a correr devagar só ia, Quasi que estava quedo. Calou-se o sabiá, deixando em meio O canto harmonioso, E para o ninho junto da consorte Vão silencioso. A aguia, que, ajeitando sobre as nuvens, Dos ares é princeza, Sentiu frouxas as azas e do bico Deixou cahir a presa. De murmurar manando entre penedos A fonte se esqueceu, E nos immoveis calices das flôres A brisa adormeceu. Por todo o mundo o manto do repouso Então se desdobrou, E até dizem que o sol naquelle dia Seu gyro retardou. E ea tambem já vou sentindo agora A magica influencia De teu condão; os membros se entorpecem Em branda somnolencia. Tudo a dormir convida; a mente e o corpo, Nesta hora tão serena, Languidos vergam; dos inertes dedos Sinto cahir-me a penna. Mas ai! dos braços teus eis já me arranca Fatal necessidade! Pobre de mim! cumpre dizer-te adeus, Ai céus! com que saudade!... BERNARDO GUIMARÃES.

FOLHETIM

CLEMENCE ROBERT

O POETA DA RAINHA

V Anna

Anna amava seu joven irmão com todas as forças da alma; e elle, cheio do reconhecimento por esta ternura que tinha visto crescer a seu respeito e desenvolver-se até á paixão, em uma idade em que todos os sentimentos se inflamam de ardentes impulsos, tomou este reconhecimento e este atractivo dos sentidos pelo supremo gráu do amor. Por largo tempo fallaram da sua felicidade. —Oh! meu amigo, que doce porvir nos espera! exclamou Anna. —Um porvir em que, ricos de paz e de amor, e abrigados de todas as borrascas do mundo, pela abobada desta floresta, poderemos dizer: felizes para sempre! Uma estrepitosa gargalhada, aguda e zombeteira, se ouviu perto delles entre a ramada. Elles estremeceram, ergueram-se precipitamente, e olharam em roda de si para todos os lados, pelas montas, pelas lapas, mas não descobriram vestigio de ser vivo; todavia sentiram um calafrio correr-lhes as veias, que devia necessariamente ser causado pela vizinhança de uma potencia malfezaja. Deram-se pressa a deixar este logar, cujo ar parecia ter arrefecido e tornado agreste, e volveram á casa. Attaway julgava-se feliz por dar um esteio á sua pobre Anna, que elle iria bem depressa deixar só no mundo, e por isso acolheu com alvoroço o pedido que William lhe fez da sua mão. Antes da consagração do casamento, o velho puritano mandou que lhe trouxessem a biblia

deposta dentro do tronco, aquella biblia, que resumia para elle o Deus e o altar, e sobre este livro santo fez jurar ao mancebo que ia ser seu filho que nunca renunciaria aos dogmas da mais austera seita, que não serviria a seus inimigos, e que nem renderia homenagem á rainha Isabel, em qualquer caso que fosse. Depois a união de Shakspeare e de Anna Attaway foi fixada para o domingo seguinte e que seria celebrada no templo de Upton. VI Mancebo Na vespera deste dia, William, que tinha passado uma noite alvoroçada de doces esperanças, ergueu-se muito cedo, e se foi logo á floresta para encher as cestas de caça, afim de fornecer os dias seguintes, e não carecer de se distrahir. O tempo ia favoravel e em poucas horas o caçador completou a sua provisão; mas, extenuado de cansaço, deitou-se e adormeceu. Estava deitado de lado, com um braço posto debaixo da cabeça, servindo-lhe de traveseiro, e o outro cahido sobre o peito. Nesta posição teve sonhos terriveis. Todas as figuras hediondas e insolitas que unicamente apparecem em sonhos, todos os monstros do somno vieram pouco a pouco passar diante do adormecido, mostrar-lhe horrores impossiveis, e assoprar seu halito peçonhento sobre o seio arquejante. Os cyrestes debaixo de que elle se havia deitado estendiam-lhe grandes ramadas horizontaes por cima do corpo. Abriu os olhos, e via empoleirado sobre estas ramadas, pairando sobre elle, uma figura horriavel, de fôrmas repugnantes, fazendo esgares, que, pela expansão magnetica, lhe faziam sentir um peso suffocador. Era o monstro mais medonho que se houvera visto em sonhos, e que houvesse tomado um corpo palpavel. Esta idéa occorreu á mente de William, que, olhando friamente para a feia apparição, lhe disse:

—Estás ahí vivo, pesadelo? —Reportae vossas expressões, bello sir, disse a creatura estendida sobre os ramos; não me chamo pesadelo, e deveis tratar de me fallar cortezmente, porque sou guarda desta matta, e vós caçador ratoneiro. Ditas estas palavras, saltou das arvores sobre a relva e se pôz defronte do moço caçador. Este homem trazia um gibão e polainas de couro em flôr; estava armado de todas as armas. Era de pequeno talhe e delgado, mas annunciava a grande força muscular em todos os seus membros nervudos e atuchados. A grande cabeça achatada descansava-lhe immediatamente sobre o pescoco, e a cara, assás requemada, era tão repugnante nas feições como na expressão. A malicia via-se ahí profundamente impressa, como sobre a physionomia do individuo que se dá á maldade por indole e ao crime por sensualidade. Não tinha idade, porque os annos ainda não haviam firmado seus traços neste semblante, e a moicidade tão pouco poderia manifestar-se em um tal ser. William, que o observava attentamente, descobriu que os pés eram extremamente arredondados para serem de homem e lhe pareceu terem a mesma forma que havia visto em outros tempos em diversos sitios da floresta, no mesmo em que parecia haverem-se feito algumas mortes. —Sim, dizia este personagem, chamo-me Minuit, sou guarda desta matta, e venho em nome da lei prender-vos como caçador ratoneiro. —Tu estás armado até aos dentes, replicou-lhe o mancebo, e eu só tenho a minha espingarda, e apesar disso não te receio. —Pois não fazeis bem, sir William Shakspeare, porque posso denunciar e prender convosco Attaway, o puritano e tambem caçador ratoneiro, cuja morada está ao fundo do caminho de Ormes, encostado ao rochedo de Saint-Magloire. William, comtudo, tratou de responder com firmeza. —Si tu tinhas o poder e a possibilidade de

perder esse velho, porque o não havias já feito? Minuit replicou com um sorriso estranho, e repassado da malignidade mais profunda, e ao mesmo tempo do que quer que era de melancolico, e que mostrava a tristeza em que a perversidade jaz sempre submersa. —Elle é tão desgraçado, que de que serve fazê-lo morrer!... A corda do algoz não é decerto mais dolorosa que as suas angustias e miserias de todos os dias. Mas agora é diferente: a vossa presença trouxe o conforto á sua morada e a tranquillidade á sua alma, e ha já um certo prazer em entregá-lo a seus perseguidores. O mesmo se dá consigo agora, meu rapaz, porque, quando passastes, vae em dous annos, por esta floresta, não sendo sinão um pobre fugitivo, sem eira nem beira, que prazer poderia haver em vos esmigalhar como esse grillo que ahí vae correndo entre a relva? Mas ao presente vae casar com uma das mais lindas raparigas que existem no mundo, e é por isso que eu agora vos prendo. William pareceu que se encontrava realmente em um grave perigo, porque a lei era pelo seu adversario. Em vista disto, curou de se livrar delle por meios pacificos. Ergueu-se da relva, sobre que tinha permanecido reclinado displicentemente, fingindo desprezar seu inimigo, e disse, mettendo a mão no bolso: —E si eu te der mais schillings para me deixares livre do que tu receberás para me prender, e o gosto de beber este accrescentamento de dinheiro, convertido em aguardente, não excederá o prazer de me fazeres mal? Que dizes a isto? —Digo que, si me offereceres um numero decente de schillings, recebê-los-hei. O mancebo acreditou que estava salvo e deu algumas moedas de prata ao guarda da floresta. Mal este abriu a mão para as aparar, William estremeceu e o coração indignou-se de repugnancia, pois lhe pareceu vêr sobre a palma da mão a letra R, com que marcavam os ladrões.